

REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS E ARQUETIPOLOGIA: ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS NOVAS FRONTEIRAS DE INVESTIGAÇÃO NA CIENCIA DA INFORMAÇÃO

Claudio Paixão Anastácio de Paula¹, Eliane Pawlowski Oliveira Araújo²,
Maria Leonor Amorim Antunes³

¹Universidade federal de Minas Gerais (UFMG), 0000-0001-9587-2191, claudiopap@hotmail.com

²Universidade federal de Minas Gerais (UFMG), 0000-0002-0949-8760, elianepaw@yahoo.com.br

³Universidade federal de Minas Gerais (UFMG 0000-0002-9764-2821, mariaamorimm@gmail.com

RESUMO Este estudo analisa quatro pesquisas fundamentadas nos princípios da Abordagem Clínica da Informação (ACI) objetivando efetuar uma reflexão acerca das contribuições e limitações percebidas até o momento nas práticas de investigação utilizadas nessa alternativa metodológica. Para tanto são apresentados um breve histórico dessa abordagem, uma descrição dos princípios que a orientam, as contribuições trazidas pelas pesquisas analisadas e as consequências que a utilização incauta de alguns de seus instrumentos pode produzir. As limitações dizem respeito, dentre outras, à confusão entre as noções de arquétipo e de representação simbólica que o Teste Arquetípico de Nove Elementos pode, involuntariamente, induzir o seu utilizador a cometer e à confusão que este instrumento faz entre as noções de símbolo e signo. As conclusões do estudo corroboraram o mérito da ACI e destacam que algumas variáveis devem ser observadas para garantir uma aplicação mais confiável e fiel das técnicas que utilizam o imaginário, o simbólico e o afetivo como instrumentos de pesquisa, sendo sugeridos recursos alternativos para contornar as dificuldades metodológicas identificadas. Pretende-se que as estratégias apontadas possam levar à descoberta de explicações ou soluções para os problemas informacionais e, utilizando-se ainda de um viés simbólico, incrementar ainda mais a relevância heurística desta perspectiva de investigação.

PALAVRAS-CHAVE *Abordagem Clínica da Informação, Dimensão simbólico-afetivas, Sujeitos Informacionais.*

Abstract This study analyzes four researches based on the principles of the Clinical Approach of Information (ICA, or, in Portuguese, ACI) aiming to make a reflection about the contributions and limitations perceived in the research practices used by this methodological alternative. We begin with a brief background description of this approach and its underlying principles, the contributions from the four studies, and the potential consequences of a somewhat careless use of certain instruments in some study subjects. The limitations included confusion between notions of archetype and symbolic representation that the Archetypal Test with Nine Elements (AT9) may involuntarily induce in users, and the confusion made by this instrument between the notions of symbol and sign. The study's conclusions corroborate the merit of the ACI and emphasize that some variables must be observed to guarantee a more reliable and faithful application of imaginary, symbolic and affective techniques as research instruments. The study's conclusions suggest, also, alternative resources to overcome the difficulties Identified. It is intended that the strategies pointed out may lead to the discovery of explanations or solutions to the informational problems and, still using a symbolic bias, further increase the heuristic relevance of this research perspective.

KEYWORDS *Clinical Approach to Information, Symbolic-affective dimension, Informational Subjects.*

COPYRIGHT Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>)

INTRODUÇÃO

A maioria das teorias sobre o comportamento informacional reflete, segundo Albright (2011), uma perspectiva cognitiva com foco no papel do pensamento consciente e dos sentimentos na sua eliciação. A autora ressalta que, apesar do interesse recente pelos aspectos emocionais dos usuários em seu comportamento informacional, o papel da cognição no comportamento dos usuários da informação ainda é abordado sem considerar as motivações e emoções subjacentes que estão fora do âmbito da consciência consciente e do pensamento racional.

Nesse cenário, Albright (2011) destaca que uma mudança, ainda discreta, vem sendo operada a partir da utilização das teorias psicológicas nesses estudos. Isso tem se dado com a incorporação das chamadas perspectivas psicodinâmicas – abordagens que consideram a influência de impulsos inconscientes na vida diária – nos comportamentos dos usuários da informação. A autora assinala que entre 85 e 95 % do pensamento humano acontece fora da esfera de nossa consciência (ou seja, no inconsciente), incluindo a maioria dos processos de tomada de decisão. Isso, na perspectiva dela, sugere um terreno teórico fértil para investigar o comportamento da informação e, partindo dessa perspectiva, um problema novo que se apresenta para os pesquisadores em Ciência da Informação: a aplicação das teorias psicodinâmicas na investigação da interação entre informação e comportamento humano. O presente estudo, partindo da análise de uma nova perspectiva para abordar os fenômenos informacionais e alguns de seus desdobramentos recentes, é um esforço na direção de avaliar essa possibilidade.

A Abordagem Clínica da Informação (ACI), proposta por Paula (2011, 2012b) como um desdobramento de estudos anteriores (Paula, 1999 e 2005), surge no cenário da Ciência da Informação como uma alternativa de investigação que considera o uso das dimensões afetiva e simbólica como recurso de acesso às expressões da subjetividade do sujeito nas interações com a informação (que ocorre muitas vezes em bases inconscientes). A proposta dessa abordagem é baseada em alguns pressupostos dentre os quais se destaca o fato de que o comportamento de busca da informação (e seus desdobramentos) é determinado pela inserção do sujeito informacional em grupos sociais e é um processo experimental e contingencial, consciente ou inconscientemente marcado pelos campos psíquico, cultural, histórico e social (Paula, 2012b). Como uma perspectiva ainda em construção a ACI busca, no design das primeiras investigações, reunir um repertório de práticas de investigação e consolidar significativas contribuições para a área.

Albright (2011) sugere que, se a Biblioteconomia e a Ciência da Informação pretendem avançar na compreensão do comportamento da informação, elas precisam incluir outras teorias e ferramentas metodológicas ao repertório de investigação da área. Ela aponta, particularmente, para instrumentos desenvolvidos a partir do uso da psicologia para investigar o comportamento humano e as mudanças e particularidades do comportamento informacional. Entre esses recursos, a autora sugere o uso de testes projetivos – recursos que permitem a expressão de conteúdos subjetivos e, por vezes, inconscientes por parte dos sujeitos investigados – como um método que pode ser usado em conjunto com fontes e serviços para avaliar sua utilidade.

Fazendo eco a autora, o presente estudo se justifica como uma primeira tentativa de reunir, avaliar criticamente e apresentar publicamente o conjunto das contribuições de estudos que, orientados pela ACI, lançam mão de recursos novos (inclusive testes projetivos) para o estudo da influência de fatores inconscientes nos comportamentos dos sujeitos informacionais.

METODOLOGIA

Para que a reunião e avaliação crítica de informações suprasugerida seja possível, este trabalho – que se caracteriza como uma pesquisa descritiva realizada a partir de investigação documental em fontes secundárias de dados – se propõe a desenvolver um exame minucioso sobre a aplicação das representações simbólicas e arquetipologia em estudos sobre comportamentos e práticas informacionais. A análise proposta foi baseada nos resultados de pesquisas recentes que tiveram como foco o trabalho com essas dimensões dentro de uma das perspectivas abarcadas pela Abordagem Clínica da Informação.

De acordo com Albright (2010) a Biblioteconomia e a Ciência da Informação chegaram a uma conjuntura crucial em sua história teórica relativamente breve onde, para além das perspectivas cognitivas e físicas do estudo da informação, um novo paradigma foi sugerido: o paradigma afetivo. A autora sugere que essa perspectiva oferece chaves para desvendar questões sobre a natureza da interação do ser humano e da informação. Ela sugere a necessidade de serem desenvolvidos conhecimentos mais profundos e recursos metodológicos mais especializados, reunindo e combinando conhecimentos de vários campos para avançar nesse campo de conhecimento. Entre outros aspectos, ela ressalta que a relação entre as necessidades de informação e a busca por informação deve ser melhor esudada. Também devem ser objeto de análise as formas como as pessoas usam a informação levando-se em conta a natureza complexa do comportamento humano.

A autora ressalta que para desenhar estratégias baseadas em recursos de outros campos que estudam o comportamento humano pode gerar desconforto ao cruzar as fronteiras tradicionais estabelecidas para as investigações pela Biblioteconomia e pela Ciência da Informação com “intrusos caminhando em território intelectual menos conhecido”. O presente estudo é uma tentativa de, de novo recorrendo a Albright (2010), empurrar os limites da área e forçar as questões de sua auto-identidade como uma disciplina rumo a um desenho mais amplo de si mesma. A justificação metodológica deste trabalho perpassa a incorporação de múltiplas perspectivas com o objetivo de demonstrar novas possibilidades de lançar luz sobre as questões de como a informação pode levar a mudanças no comportamento humano e, inversamente, como motivadores inconscientes desse comportamento podem influir nas interações dos indivíduos com a informação.

RESULTADOS

PESQUISAS INICIAIS

Como precursor das pesquisas utilizando a ACI, Paula (2005; 2012a) analisou as dimensões simbólicas e afetivas subjacentes ao uso e compartilhamento de informações nas interações entre os professores do departamento de psicologia de uma tradicional instituição de ensino superior pública brasileira. A pesquisa baseou-se nos estudos da teoria psicológica dos complexos e utilizou, como chave de leitura, a ideia de que a diversidade de interpretações de uma realidade, produzida por grupos e subgrupos no

ambiente da organização (que, aparentemente, exerce uma influência direta na forma como os indivíduos se apropriam da informação) pudesse ser avaliada através da identificação das reações motivadas pela ativação de deflagradores individuais de reações afetivas e seu alinhamento com deflagradores coletivos que permeiam a organização.

A pesquisa utilizou entrevistas semiestruturadas e o experimento com associações de palavras desenvolvido por Carl Gustav Jung. Como resultados, identificaram-se alinhamentos entre disposições simbólico-afetivas individuais e coletivas que direcionavam as interpretações e o uso dado às informações por diferentes subgrupos, resultando em um processo inconsciente de gestão das informações, com resultados desagregadores para o processo de gestão do conhecimento na organização e para a gestão da organização como um todo.

Sequencialmente, os estudos de Araújo (2013) investigaram, através da utilização de métodos que privilegiaram as dimensões simbólicas e afetivas, os aspectos subjetivos e os esforços de indivíduos para interpretar uma realidade enquanto envolvidos em atividades decisórias. O estudo lançou mão do Teste Arquetípico dos Nove Elementos (AT-9) – desenvolvido por Yves Durand (1988) com base na arquetipologia de Gilbert Durand (1997) – para observar a interferência da subjetividade no processo decisório através da análise da conexão entre os aspectos subjetivos e as competências individuais nesse processo.

Verificou-se que as formas particulares de cada sujeito enfrentar a angústia, representada pela decisão a ser tomada, se originam de uma percepção subjetiva sobre que tipo de desafio o ato de decidir representa. Essa percepção é determinada pela forma de ver o mundo que é evidenciada na identificação de certos micro-universos estruturantes do imaginário dos pesquisados. Nesses termos, a estrutura do processo decisório e os critérios adotados na decisão em relação às fontes de informação usadas, aos comportamentos informacionais e à caracterização dos desafios seguem uma linearidade cujo traçado é orientado pelo perfil identificado no micro-universo de cada entrevistado.

Sá (2015), por sua vez, investigou os elementos simbólico-afetivos envolvidos no compartilhamento do conhecimento entre docentes e discentes de um programa de pós-graduação *stricto sensu* de uma Universidade Federal durante as orientações acadêmicas. Utilizando entrevistas semiestruturadas e o AT-9, submeteu os dados coletados à análise de conteúdo para identificar os aspectos subjetivos norteadores do processo de orientação de pós-graduandos, simultaneamente do ponto de vista do orientador e do orientando.

O estudo considerou que a conversão do conhecimento tácito em conhecimento explícito, e vice-versa, ocorre por meio de várias formas de comunicação e, através da análise dessas formas, concluiu-se que o compartilhamento do conhecimento utilizado por esses partícipes, para se organizarem e para avançarem na elaboração de sua pesquisa científica, lança mão de estratégias que podem ser descritas e situadas dentro dos parâmetros da gestão do conhecimento. Essa dinâmica permitiu perceber que a necessidade de informação na pesquisa da pós-graduação é impulsionada por uma maré de afetos, expectativas, fantasias e desejos impressos pelos indivíduos nas relações entre orientador e orientando e às quais os partícipes dessas relações buscam significar a partir do imaginário estabelecido em suas interações.

Antunes (2015), por fim, analisou o imaginário, a afetividade e as percepções dos nativos digitais ante a biblioteca e a ferramenta de busca Google. A análise foi realizada com alunos do Ensino Médio de uma escola particular de Belo Horizonte (MG) e construída através da observação e realização de

entrevistas semiestruturadas que buscaram identificar o laço existente entre as experiências psíquicas individuais e coletivas do grupo estudado. Tanto a construção do instrumento como a análise dos dados foi baseada em conceitos oriundos da abordagem psicológica iniciada por Carl G. Jung – e a noção pós-junguiana de complexos culturais – acrescidos das noções de expressões poéticas do psiquismo e cartografia afetiva (Tassara e Rabinovich, 2001).

Dentre os resultados obtidos considera-se um achado significativo as percepções subjetivas e o imaginário evocados pela biblioteca, considerada por eles, paradoxalmente à sua posição de fonte pouco utilizada de informação, como um organismo vivo e fascinante. A constatação de que existe um rico imaginário sobre a biblioteca, que não se reproduziu sobre o Google – apesar de sua presença consolidada no dia a dia dos jovens – fez-se evidente e sugere a possibilidade de explorar essa riquíssima simbologia e representatividade para transformar a frequência a esse espaço numa experiência significativa conduzindo, conseqüentemente, uma ressignificação da profissão do bibliotecário, incluindo nesse redesenho as percepções dessas novas gerações.

REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS E ARQUETIPOLOGIA

O uso do conceito de representações simbólicas no presente trabalho remete a uma noção de símbolo que apresenta dois usos fundamentais: 1) Como expressão que é usada no lugar da outra (“função substitutiva” do símbolo); e 2) Como possibilidade transformativa que certa expressão vem a ter através de certo contexto (“função formativa” ou “função transformativa” do símbolo).

Esse panorama remete à advertência de Serbena (2010) de que existe uma utilização utilitária e excessiva (como se faz usualmente nos dicionários de sonhos) do conceito de símbolo reduzindo-o à indicação de uma realidade material, onde ele deixa de atuar como símbolo e passa a designar um tipo de signo onde o significante (realidade concreta) representa algo abstrato.

Nesses termos, os indivíduos não somente comunicam uma determinada quantidade de informações, mas também intercambiam significações onde os elementos da comunicação são essencialmente símbolos de clareza variável, mas raramente unívocos. Desse modo, a carga simbólica das palavras utilizadas induz associações de sentido capazes de contrair ou expandir os campos de compreensão dos interlocutores e tornam esses campos cada vez mais coincidentes ou divergentes.

PONTOS CRÍTICOS DA UTILIZAÇÃO DOS CONCEITOS E DA APLICAÇÃO DA TÉCNICA

Ao se passar em revista os estudos citados foi possível observar, paralelamente à significativa contribuição dos experimentos com a arquetipologia do imaginário e o AT-9, a relevância e a necessidade de introduzir, nos estudos da relação entre os sujeitos e a informação, outras variáveis, tendo em vista a possibilidade de ocorrência de alguns riscos aos quais a utilização desse teste e abordagens podem expor o pesquisador.

Verifica-se que os riscos aos quais a utilização do AT-9 podem expor o pesquisador dizem respeito a três pontos intrinsecamente imbricados: 1) a confusão entre a noção de arquétipo e a de representação simbólica que o AT-9 pode involuntariamente induzir o seu utilizador a cometer; 2) a confusão que o próprio instrumento faz entre a noção de símbolo (algo espontâneo e relativamente desconhecido) e signo (uma representação consciente e intencional/alegórica de um fato ou ideia conhecida); 3) à

reivindicação / interpretação que Yves Durand faz da arquetipologia de Gilbert Durand ao aplicá-la no seu instrumento (Durand, 1988).

Quanto ao **primeiro ponto** – a confusão entre as noções de arquétipo e representação simbólica, é essencial recordar que o próprio Gilbert Durand (1997) baseia sua leitura do imaginário em quatro elementos que se presentificam numa lógica sequencial, que vai do esquema para o arquétipo, deste para o símbolo, e do símbolo para o mito, e que esses elementos não se encontram no mesmo plano. Esquemas e arquétipos (como estruturadores do psiquismo), de natureza muito mais profunda e inconsciente, são impalpáveis e somente podem ser reconhecidos através de sua corporificação nos símbolos e nas narrativas oferecedoras de sentido (entendidas como mitos ou elaborações míticas) que compõe o imaginário e se materializam em formas mais palpáveis como, entre outras, na linguagem e nas representações pictóricas.

Assim, embora o imaginário possa ser entendido como um território que vai e volta entre consciente e inconsciente (ARAÚJO, 2013, p. 39), e ele possa ser descrito como a fundação, ou os alicerces, sobre o qual são construídas as concepções de homem, de sociedade e de mundo (G. DURAND, 1997), o símbolo pode ser tomado como uma representação de uma das particularidades do arquétipo e nunca de sua totalidade.

Poder-se-ia descrever melhor o arquétipo, seguindo Vieira (2003) como formas instintivas de imaginar. Serbena (2010, p.79) alerta que é comum empregar os termos arquétipo e imagem arquetípica como sinônimos, mas, contrariando uma apreensão apressada do conceito, a imagem representa apenas um aspecto do arquétipo: “o arquétipo em si é irrepresentável e aparece à psique sob a forma de uma imagem arquetípica (p.79)”. Essa imagem arquetípica é, por assim dizer, uma representação simbólica construída a partir de símbolos como acontece com outras produções do psiquismo.

Já o símbolo – e isso nos leva ao **segundo ponto** em discussão – pode ser descrito como um produto psíquico espontâneo e inconsciente que incorpora, em si, as melhores expressões, descrições ou formulações possíveis para um fato de difícil compreensão. Desse modo, quando o AT-9 solicita que os sujeitos construam desenhos e narrativas utilizando imagens específicas (como animal, personagem, espada, monstro, refúgio etc) essa própria solicitação, pela possibilidade de induzir uma resposta, pode configurar uma quebra na espontaneidade da produção do conteúdo que é definidora do conceito de símbolo.

O próprio Jung, evocado como um inspirador do AT-9 por Y. Durand (1988), embora não proponha uma definição única para símbolo, se preocupa em dizer que “o verdadeiro símbolo (...) deveria ser compreendido como uma ideia intuitiva que ainda não pode ser formulada de outra forma, ou de uma melhor forma”. (JUNG, OC XV, par. 105). Ou, ainda a melhor descrição ou formulação possível de um fato relativamente desconhecido que, não obstante, se sabe existir ou se postula como existente (JUNG, OC VI, par. 894).

Finalmente, expressando-se por analogias, o autor o define como sendo uma experiência *de imagens e por imagens* e cujo desenvolvimento seguiria o princípio da enantiodromia (passagem de um pólo para o pólo oposto) para criar uma ponte, um mediador entre núcleos antagônicos que fará emergir um novo conteúdo, constelando tese e antítese em igual medida e mantendo-se em relação *compensatória* com ambos e formado um espaço intermediário que une os opostos (JUNG, OC VI, par. 814).

O símbolo, embora não seja lógico - aliás, por sua natureza paradoxal, ele imita a lógica - presta, por

sua capacidade de unir opostos, auxílio na significação ou ressignificação de conteúdos, tornando-se um terceiro fator a partir do qual se pode fazer uma síntese de elementos distantes. Seu conteúdo “está longe de ser óbvio; em vez disso é expresso em termos únicos e individuais” (SAMUELS, SHORTER e PLAUT, 1988, p.201).

Toda a argumentação precedente nos leva ao **terceiro ponto** em destaque, o risco do AT-9, de Yves Durand, involuntariamente, e por uma característica intrínseca à concepção do instrumento, poder direcionar os resultados ao vincular a produção dos sujeitos (que deveria ser espontânea) a elementos previamente estabelecidos(monstro, personagem, arma, etc.).

Assim, ao imobilizar o sujeito da pesquisa em fórmulas universais (“arquétipos”), e – dependendo das limitações e/ou dificuldades do sujeito em produzir suas formulações espontaneamente – corre-se o risco de promover uma explícita indução, propondo previamente ao entrevistado as categorias ou imagens com as quais deverá elaborar o desenho que servirá de base para a interpretação e avaliação.

AValiação CRÍTICA E SUGESTÕES PARA A ABORDAGEM DE CONTEÚDOS SIMBÓLICOS

A despeito dos méritos demonstrados pelo instrumento nos vários estudos em que o AT-9 foi utilizado, verificou-se que os riscos apontados acima são reais. Um método que se pretenda ser universalmente aplicável não pode ser limitado à capacidade do sujeito de construir elaborações mentais complexas espontaneamente. Em casos onde a capacidade criativa do sujeito é limitada pode não haver espaço para a desejada expressão espontânea e inesperada (o que caracterizaria uma aparição de um componente inconsciente de um possível conhecimento tácito de difícil articulação discursiva).

Considerando que uma das características da ACI é abrir espaço para a investigação das dimensões mais profundas das relações simbólicas e afetivas na investigação das relações dos indivíduos com a informação, sugerem-se alternativas que apontem para a superação dos riscos que podem ocorrer no uso de determinados instrumentos de investigação, como exemplificado por meio da análise do AT-9, que podem implicar em uma “banalização das dimensões espirituais profundas da existência humana e a exaltação inflacionada de vivências prosaicas da vida cotidiana.”¹

Desse modo, é importante buscar alternativas metodológicas para evitar que ansiedades ordinárias (cotidianas, comuns) da relação com as informações sejam exaltadas nas pesquisas como formas “camufladas” da angústia do tempo e da morte, como propunha Gilbert Durand (1997) originalmente.

Considerando os apontamentos destacados por Penna (2009) sobre as possibilidades de aplicação de métodos fundamentados num referencial junguiano às atividades de pesquisa qualitativa e retomando a proposta original da ACI (Paula, 2013), apresenta-se como possibilidade do uso de outros recursos investigativos o experimento realizado por Du Toit et al. (2011) consolidando uma alternativa de abordagem dos sujeitos em três tempos que contempla: uma entrevista semiestruturada baseada numa proposta de variação da técnica do incidente crítico que contemple a elaboração de uma narrativa autobiográfica construída com base em ilações de memória, por meio das imagens suscitadas pelas

¹ Marco Heleno Barreto. Docente da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Comunicação pessoal durante o exame de qualificação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais em 28/04/2016

perguntas; a produção de um desenho elaborado com base nessa narrativa e que possa ser analisado tendo em mente que essa estratégia articula material projetivo (inconsciente e consciente) com uma forma de expressão não verbal; e uma entrevista livre sobre o desenho produzido onde os sujeitos poderão dissertar sobre os motivos e ideias que os levaram a elaborar o desenho da maneira apresentada (Paula, 2013, p. 36).

Penna (2009) recomenda que o pesquisador deve tentar encontrar padrões de semelhança/discrepância relevantes buscando descobrir e definir que tipo de análise o material permite e selecionar os ângulos pelos quais a compreensão dos fenômenos será encaminhada. De modo semelhante, Paula (2005) recomenda que seja exercitada uma observação errática atenta a tudo que possa perturbar a atenção do observador. Essa “ação”, o método da atenção flutuante, se desenvolve em dois momentos: o momento de experimentar, onde o olhar se depara com algo excitante que se oferece a ele sem que, no entanto, o observador busque reconhecer nele estruturas pré-determinadas; e o momento da organização, a partir do qual certos temas se alinham segundo o padrão pelo qual o depoente organiza o seu discurso.

Finalmente, no que tange aos cuidados com a interpretação do material coletado sugere-se a articulação de vários níveis de análise e interpretação como: construção de uma rede de associações entre características explícitas e implícitas do fenômeno, estabelecimento de conexões entre o material de pesquisa e as hipóteses (ontológicas e epistemológicas) do paradigma adotado pelo pesquisador e articulação entre o plano coletivo (ou, nos dizeres da autora, arquetípico) e o plano individual dos fenômenos (Penna, 2009). Essas indicações baseiam-se no entendimento de que alguns parâmetros – como causalidade, finalidade, padrões arquetípicos proeminentes e a ação compensatória do símbolo em relação ao inconsciente coletivo e individual (fator desconhecido) – podem conduzir a análise a resultados mais coerentes e fidedignos.

CONCLUSÕES

A utilização da Abordagem Clínica da Informação no campo das pesquisas em Ciência da Informação se propõe, dentre outros pontos, a analisar a hermenêutica das dimensões simbólicas e afetivas inerentes aos processos de buscar, selecionar, interpretar e utilizar informações. Os estudos desenvolvidos até agora têm demonstrado que a interação com a informação em quaisquer situações – sejam domésticas, profissionais ou existenciais – se dá através do concurso inevitável da subjetividade inconsciente. Muito mais que um mero fator interveniente, esse fator inconsciente é, frequentemente, o elemento norteador de interpretações e atribuições cruciais de sentido. Captar a interferência dessa subjetividade inconsciente nas práticas informacionais é uma atividade complexa para o pesquisador.

Embora o uso do AT-9 tenha sugerido que, na ação de indivíduos diferentes confrontados com as mesmas tarefas, seja possível encontrar um termo de comparação para determinar como a subjetividade interfere em suas ações de interpretação, compartilhamento e significação das informações, as limitações do método, em especial a sua tendência eventual a induzir respostas em determinados tipos de sujeitos, sugere que seja importante aperfeiçoar as estratégias de abordagem dos conteúdos simbólicos e afetivos. Nesse sentido, a adoção de uma abordagem menos condutiva, como a proposta neste trabalho, se apresenta como uma alternativa para superar as dificuldades metodológicas identificadas, possibilitando alcançar resultados que possam levar à descoberta de explicações ou soluções para os problemas propostos e, utilizando-se ainda um viés simbólico, incrementar ainda mais a sua relevância *heurística*.

Finalmente, podem-se sintetizar as contribuições da ACI para a Ciência da Informação recorrendo às percepções de Liu, Albright e Zamir (2016) sobre a importância de se encontrar formas para pesquisar os conteúdos que apareceram abaixo do limiar da percepção consciente e a sua influência na deflagração respostas inconscientes na busca de informações: é preciso reunir referências que inspirem investigações futuras nesse campo inexplorado. Nesse sentido, a ACI, ao reunir ao método clínico uma visão multiperspectiva da interação dos seres humanos entre si e com a informação, oferece a possibilidade de elucidar a teia de conexões que determina essas intrincadas relações nos mais diferentes ambientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albright, KS (2010). Multidisciplinary in information behaviour: expanding boundaries or fragmentation of the field? *Libri*, 60(2), 98-106. Retrieved may 20, 2017, from <https://www.degruyter.com/view/j/libr.2010.60.issue-2/libr.2010.009/libr.2010.009.xml>.

Albright, KS (2010). Psychodynamic perspectives in information behaviour. *Information Research*, 16(1) paper 457. Retrieved may 20, 2017, from <http://InformationR.net/ir/16-1/paper457.html>.

Antunes MLA (2015). *Comportamento informacional em tempos de Google*. Dissertation. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 206f. Retrieved may 20, 2017, from <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-A8SJ7E>.

Araújo EPO (2013). *Tomada de decisão organizacional e subjetividade: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios*. Dissertation - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013. 164f.

Du Toit D, Veldsman, TH, Van Zyl D (2011). *The Testing and Validation of a Model for Leadership Maturity Based on Jung's Concept of Individuation*. Retrieved may 20, 2017, from https://www.researchgate.net/publication/268416650_The_Testing_and_Validation_of_a_Model_for_Leadership_Maturity_Based_on_Jung's_Concept_of_Individuation.

Durand G (1997). *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.

Durand Y (1988). *L'exploration de l'imaginaire: introduction à la modelisation des univers mythiques*. Paris: L'Espace bleu.

JUNG, CG (1985). *O espírito na arte e na ciência*. OC VI, Petrópolis: Vozes.

JUNG, CG (1991). *Tipos Psicológicos*. OC XV. Petrópolis: Vozes.

Liu, J; Albright, K; Zamir, H (2016). The Role of the Unconscious in Information Retrieval: What User Perception Tells Us. *Proceedings of the 2016 ACM on conference on human information interaction and retrieval*, pp.289-292, Mar. Retrieved may 20, 2017, from <http://dl.acm.org/citation.cfm?id=2854986>.

Paula CPA (2012a). Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior

pública brasileira. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 2, Número Especial, pp. 118-132, out.

Paula CPA (2012b). Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica na informação. *Anais do XIII ENANCIB*. Rio de Janeiro.

Paula CPA (2013). A investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo a abordagem clínica da informação como proposta metodológica. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 3, Número Especial, pp. 30-44, out.

Paula CPA (2011). Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira. In: XII ENANCIB, 2011, BRASILIA. *Anais do XII ENANCIB*. Brasília: UNB Brasília, v. 1. pp. 01-20.

Paula CPA (1999). *Informação e psicodinâmica organizacional: um estudo teórico*. Master's thesis. Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

Paula CPA (2005). *O símbolo como mediador da comunicação nas organizações: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de Psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira*. PhD dissertation. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. São Paulo: Instituto de Psicologia. 367p.

Penna EMD (2009). *Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica*. PhD dissertation in Clinical Psychology. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 229p.

Sá RMC (2015). *Compartilhamento do conhecimento e o processo de orientação de discentes de pós-graduação stricto sensu*. Dissertation - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Belo Horizonte. 159f.

Samuels A, Shorter B, Plaut A (1988). *Dicionário crítico de análise junguiana*. Rio de Janeiro: Imago. 119p. [A Critical Dictionary of Jungian Analysis (1986), Psychology Press].

Serbena CA (2010). Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na Psicologia Analítica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Gestalt-terapia de Goiânia (ITGT), XVI(1): pp.76-82, jan-jul.

Singer T, Kimbles SL (2004). *The Cultural Complex: contemporary Jungian perspectives on psyche and society*. New York: Brunner –Routledge. 279p. ISBN-13 583-919-1239

Tassara ETO, Rabinovich EP (2001). A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – Estudo sobre o bairro paulistano da Barra Funda. In: Tassara, E. T. O. (Org). *Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano*. pp.211-267. São Paulo: Educ; Fapesp.

Vieira AG (2003). *Imagem, símbolo e narrativa na psicologia analítica de C.G. Jung*. PhD dissertation. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia. Porto Alegre, Fevereiro. 245 f.